

Pouco viável conversão dos juros em dívida^{ext.}

Representantes de bancos estrangeiros consideraram ontem pouco provável que o Brasil consiga fechar com os credores um acordo para contabilização, como dívida, de US\$ 1 bilhão de juros que vencem este ano. A intenção de reduzir, de US\$ 10 para 9 bilhões o pagamento de juros previstos para este ano, foi manifestada na terça-feira por uma fonte ligada ao Palácio do Planalto. De acordo com essa fonte, seria importante a concessão de um empréstimo externo para financiar parte do pagamento de juros e esse apoio dos credores contribuiria para conter a inflação.

Para o representante de um banco alemão, não parece muito claro que a redução do pagamento de juros signifique menor pressão inflacionária. "O que normalmente se observa é o contrário. Pelo menos no caso da entrada de dólares no País, o que se verifica é uma pressão maior na expansão monetária proveniente da conversão da moeda em cruzeiros. O grande superávit comercial, nesse

sentido, é um dos responsáveis pela inflação", comentou.

ACORDO TEMPORÁRIO

Para o presidente da Fenaban — Federação Nacional de Bancos —, Roberto Konder Bornhausen, qualquer acordo particular com os bancos, sem um acerto prévio com o Fundo Monetário Internacional, será por natureza temporário. "Não participamos das negociações e fica difícil fazer qualquer comentário à distância. Mas a impressão que se tem é que sem um acordo com o FMI qualquer acerto com os banqueiros não poderá ser de longo prazo e corresponde a uma prorrogação do problema", afirmou o presidente da Fenaban.

Bornhausen prevê que a economia brasileira continuará crescendo mas não poderá repetir os índices do ano passado, principalmente devido aos problemas agrícolas e às pressões inflacionárias. Segundo ele, não se deve expurgar a inflação porque "isso seria quebrar o termômetro sem baixar a febre".